

PSICOPOLÍTICA EM EDUCAÇÃO DIGITAL: Reflexões sobre gestão emocional e positividade em um curso online

GABRIEL AQUINO E SARMENTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)

CRISTIANA TRINDADE ITUASSU

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)

PSICOPOLÍTICA EM EDUCAÇÃO DIGITAL: Reflexões sobre gestão emocional e positividade em um curso online

1 INTRODUÇÃO

Conceituado por Bernard Stiegler e retomado por Han (Han, 2018; Stiegler 2010), o poder psicopolítico é a forma como a sociedade ocidental, marcadamente neoliberal, organiza as suas relações de dominação. O psicopoder e a psicopolítica residem naquelas relações de poder que exploram a liberdade dos sujeitos, ao invés de explorá-los contra suas vontades, e seu surgimento se dá a partir da noção de que explorar as pessoas por meio de sua liberdade é uma forma mais lucrativa do que dominá-los contra essa mesma liberdade.

O bio-poder como mecanismo de dominação está em vias de ser superado, gradativamente, pelo poder psicopolítico. O objeto de interesse das técnicas de bio-poder são as capacidades do corpo humano, e o intuito é aumentá-las e aproveitá-las para ganhos econômicos e políticos do Estado e das empresas. A ideia é tornar sujeitos corpos dóceis e tirar proveito econômico dessa docilidade, que gera um aumento de produtividade (Olivier, 2020).

Mudanças no discurso, desde o século XVIII, indicam uma transformação das relações de poder. O objetivo não é mais aumentar a disciplina e o potencial coletivo por meio da conformidade com as organizações, e sim aumentar o potencial individual para atingir os melhores resultados na competição da sociedade neoliberal, que legitima a ideia de “todos contra todos” (Nalli & Mansano, 2019). Os objetos de interesse da dominação, na psicopolítica, são a psique, as pulsões, o investimento libidinal (Nalli & Mansano, 2019; Olivier, 2020).

Han (2018) problematiza o desenvolvimento de Foucault sobre “tecnologias de si”, definidas como “tecnologias de dominação individual, a história do modo em que um indivíduo age sobre si” enquanto “desenvolvimento moral de um indivíduo emancipado consigo mesmo” (Foucault, 1982), pois afirma que a esfera psíquica é exatamente do que o neoliberalismo se apropriou, envenenando-nos com ideias de auto dominação que não se originam de fontes filosóficas robustas ou interessadas na emancipação, e sim de uma reinvenção do Capital quando este se volta para os investimentos libidinais:

A partir de certo ponto de produtividade, a tecnologia disciplinar – ou, alternativamente, o esquema negativo da proibição – atinge um limite. Para aumentar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma da conquista, ou, em outras palavras, pelo esquema positivo do Poder; (...). A positividade de Poder é muito mais eficiente que a negatividade do Dever. Portanto, o inconsciente social muda do Dever para o Poder. O sujeito-conquista é mais rápido e mais produtivo que o sujeito-obediência. (Han, 2015)

Com o avanço de todo um aparato técnico (médico e social), acabamos por gerar, em grande parte da população, diversas formas de subjetividade improdutivas. Desde as históricas de Freud aos contemporâneos depressivos, ansiosos e aqueles em burnout, há, no nosso tempo, uma convergência entre estas condições no sentido do esgotamento libidinal (Olivier, 2020; Butler, 2020). A incapacidade de querer mais ou fazer mais é horripilante ao Capital, contudo parece ser justamente resultado da focalização dos esforços em adentrar no espaço do psiquismo – uma contradição evidente (Mocelim, 2021).

A relação dos discursos com a organização social é constitutiva, e pode ser formulada em termos de Saberes e Poderes (Foucault, 2015). A Técnica comporta elementos éticos, estéticos, comportamentais, ontológicos, epistemológicos, entre tantos outros, para a organização da vida dos sujeitos. Esses discursos organizacionais contemporâneos, que optam pela via da positividade, da afirmação e da mobilização afetiva (Nalli & Mansano, 2019), são produzidos e circulam por diferentes meios. Hoje, além dos *coaches* empresariais, da literatura

de autoajuda e dos gestores retratados em revistas pop-management, diversas EdTechs - empresas focadas em produzir tecnologias em/para educação digital - existem para vender ao trabalhador as práticas necessárias à vivência possível da contemporaneidade. Nesse contexto, a pesquisa assume como objetivo analisar como a psicopolítica se manifesta em conteúdos de uma Edtech brasileira focada no público corporativo.

Do ponto de vista dos discursos organizacionais, a reprodução de um ideário é constitutiva das práticas empresariais, e contribui ativamente para o transbordamento da cultura do *management* para o tecido social, além dos muros das organizações. A Visionary (nome fictício), empresa escolhida como foco deste estudo, é um agente poderoso, nessa direção. Devido ao seu acesso entre grandes empresas (organizações como Globo, Nestlé, Itaú, Coca-Cola, McDonalds e Vale) como clientes e ao público (mais de 4 milhões de alunos registrados na plataforma), bem como pela amplitude de sua proposta na formação em *soft skills*, entende-se que ela é uma formadora de opinião relevante no cenário brasileiro, independentemente da originalidade ou eficácia de suas ideias. A literatura sobre pop-management, responsável por transmitir os valores que afetam o sujeito nesse sentido positivo-produtivo-exaustivo, carece amplamente de atualizações para o contexto digital (Duarte, Medeiros, 2019; Mattos & Ituassu, 2023), que formou diversas celebridades, influenciadores, gurus e empresas a partir das tecnologias da informação. É preciso aprofundar no entendimento desses atores para que se compreendam quais são as continuidades e descontinuidades entre estes comunicadores e os anteriores, e essa é uma lacuna que este estudo busca preencher. Além disso, o estado atual da agenda de pesquisa em psicopolítica pede empenho em explicitar como operações psicopolíticas estão aninhadas dentro de outros tipos de práticas e discursos (Riveira, Gálvez-Mozo, Tirado-Serrano, 2024). Relacionando o conteúdo de um curso de uma influente EdTech brasileira ao debate organizacional-sociológico em psicopolítica, aproximam-se categorias distintas de entendimento da realidade e se enriquece o debate sobre subjetividades e organizações.

Em termos práticos, descrever esse processo favorece que as pessoas percebam os mecanismos a que estão sujeitas, o que, por sua vez, contribui para enfraquecer essa dinâmica. As reflexões desenvolvidas neste artigo, ancoradas na desconstrução dos discursos hegemônicos no campo da administração, evidenciam a função ideológica de certas escolas de formação gerencial, que operam como dispositivos de reprodução simbólica de uma ordem organizacional naturalizada. Ao recobrir disputas políticas e relações de dominação com uma linguagem técnica e aparentemente neutra, esses discursos legitimam práticas de gestão que reforçam a subordinação e silenciamento de determinados conflitos. O enfrentamento crítico dessas narrativas não se limita a uma tarefa teórica, mas aponta para a necessidade de desnaturalizar os saberes que sustentam a epistemologia gerencial (que constitui também uma relação de poderes), promovendo a formação de sujeitos capazes de reconhecer a instabilidade das verdades administrativas e fomentar brechas institucionais em que a resistência simbólica e a reinvenção da prática organizacional possam emergir.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O tema que esse trabalho abarca é o conceito transversal de “psicopolítica”. A revisão teórica foi feita por meio de revisão sistemática de literatura com os termos “psicopolítica” e “psychopolitics”, sempre no título. As bases de pesquisa utilizada foram o Portal Scielo e a Web Of Science. Como critérios de inclusão, foram considerados artigos publicados em revistas científicas revisadas por pares, nas línguas Português e Inglês. Como critério de exclusão temos a remoção de redundâncias e conceituações alternativas do termo “psicopolítica”, oriundas do campo da psicologia, chegando a um total de 14 artigos. O período compreendido na busca

envolveu os anos entre 2014 e 2024, visto que este ano de início marca a publicação do livro de Han que conceitua o termo e o populariza.

À época, o digital ainda não havia se imposto com tanta propriedade. Freitas, Lemos e Galindo (2023) contribuíram com a discussão sobre vigilância digital, evidenciando como, na pandemia de Covid-19 aprofundaram-se, em boa parte das economias desenvolvidas, os efeitos nefastos da racionalidade vigiante, que resultam na expansão das desigualdades sociais e econômicas de forma brutal, evidenciando uma das faces do chamado panóptico digital.

Melhado e Rabot (2021), por sua vez, exploraram como a transposição de uma teoria dos afetos, mutilada para os marketeiros de Big-Data, acabou por se tornar uma ferramenta hegemônica na análise de sentimentos. Ao fim, concluiu-se que a redução de uma complexidade de sentimentos possíveis à humanidade a cinco ou seis “reações” ou “figurinhas”, transcrição essa que visava somente facilitar a coleta de dados sentimentais por parte de ferramentas muitas experimentais de marketing com foco na commoditização da emoção alheia, acabou por condicionar a vivência de emoções do sujeito contemporâneo, que agora experimenta uma pobreza de vocabulário afetivo, uma dificuldade em entender e expressar seus afetos, após vários anos de exposição a esse vocabulário afetivo pobre disponível em ferramentas como Facebook e LinkedIn. Isso revela novamente uma relação entre saber e poder, pois a técnica inevitavelmente carrega um valor político e implicações práticas na construção da realidade.

Um outro passo no estudo das interface homem-máquina é o artigo de Nalli e Mansano (2019), que analisaram implicações psicológicas da virtualização das relações interpessoais, destacando o fato de estas relações se tornarem cada vez mais relações consigo mesmo, tanto pela ocultação do outro como pela dinâmica de feedback positivo das redes sociais, que somente te fornecer o que lhes parece que você quer ver, desconsiderando ainda a possibilidade de manipulações por interesses político-sociais. A lógica de feedback somada à pobreza de análise dos softwares é de magnitude suficiente para explicar o crescimento do narcisismo contemporâneo.

Com similar interesse na contradição entre positividade e liberdade, Olivier (2020) trabalha, principalmente, as categorias “desejo” e “liberdade” para investigar o que é essa tal “crise de liberdade” que parecemos experienciar. Em sequência, Mocellim (2021) busca atualizar o texto clássico de Freud, O Mal-Estar na Civilização, e pensar “o que será que podemos construir quando as nossas formas de coerção não são mais percebidas como proibições, mas como liberdade?”, resultando em um texto rico de uma crítica social renovada.

Semelhantemente, D. G. Butler (2020) explora, em seu artigo, como ainda resta, na positividade, uma negatividade muito forte, subjacente. Seu estudo mostra como casos depressivos graves e epidêmicos em jovens indicam um esgotamento completo de libido, que leva à morte sem autoextermínio. Suas descrições dos casos clínicos apontam para um caráter de “tabu” da negatividade hoje: ela existe, mas não se fala sobre ela. Ainda somos extremamente organizados em torno de segregações de raça, classe e cultura, ao contrário do que gostaríamos de acreditar.

Na mesma lógica de refletir sobre as interseccionalidades, já no ano de 2014, Grzanka e Mann exploravam exemplos práticos das implicações políticas de um discurso psicologizante e individualizante. Analisando um caso empírico de comoção nacional estadunidense, os autores problematizam a noção de um discurso de que jovens LGBTQIA+ suicidas seriam desistentes, um discurso que exime de culpabilização real toda uma cadeia de indivíduos e instituições realmente opressivas.

Benevides (2017) enriquece o debate trazendo à baila diversos autores críticos que até então só orbitavam este assunto, pois tantas vezes se priorizam os grandes clássicos internacionais no debate. As principais contribuições do artigo são problematizar os limites entre psique e mente, e denunciar a existência de uma indústria da molecularização da vida, que, no limite, chega ao controle material dos afetos – uma pílula para cada afeto.

Com a proposta de evidenciar como os discursos hegemônicos são transversais e não restritos a uma esfera somente, Mentinis (2017) realiza um estudo de caso sobre a romantização do papel do chefe de cozinha, e acaba encontrando muita informação sobre os valores do neoliberalismo nos elementos estéticos do material sobre chefes, como a valorização do empreendedor de si e do gênio (pós)romântico.

Em um retorno aos fundamentos de todo este debate, Prozorov (2021) fornece uma argumentação bastante profunda a respeito do trabalho de Foucault que possibilita extrair e visualizar um argumento contundente de que a inclinação para o psiquismo não é novidade do neoliberalismo, e sim que já estava presente no discurso psiquiátrico do século XIX. O caminhar pelo direcionamento ao corpo seria um *detour* devido às limitações técnicas da época, que acaba inclusive por justificar a falha do primeiro projeto da psiquiatria. A principal contribuição do artigo é descrever a potencialidade do discurso médico da “crise”, que seria uma circunstância especial em que a situação emergente justifica um uso de poder desproporcional do profissional médico. A utilização do termo “crise” hoje é, contudo, diário, o que indica um desbalanço de poder muito acentuado no neoliberalismo.

Por meio de um esforço de resgate de produções científicas menos ortodoxas, De Landázuri (2019) estabelece um panorama do debate sociológico a respeito de temas que Han agrupou sob o guarda-chuva do termo “psicopolítica”, trazendo autores correlatos e conceituações simétricas, especialmente focadas na noção de “poder”. Por fim, Rivera, Gálvez-Mozo e Tirado-Serrano (2024) analisaram o conteúdo de toda a pós-graduação em Psicologia Positiva em uma relevante universidade falante de espanhol. Suas conclusões apontam que o ser humano “são” da psicologia positiva não é somente individualizado, como também bastante imbricado com uma noção mais completa dos “mandamentos” psicopolíticos.

3 METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, e a investigação empreendida pode ser entendida como um estudo de caso. (Creswell, 2022). Visionary é a unidade de estudo da presente pesquisa. Trata-se de uma empresa que desenvolve seu próprio sistema didático, incluindo estrutura e conteúdo – disponibilizado em plataforma própria, na web – para ensino remoto. Em seu vídeo institucional, os sócios da Visionary a apresentam como “a maior plataforma de ensino digital”, que “tem a missão de revolucionar a educação no país por meio da formação de profissionais que fazem a diferença (sic)”. Sua apologia é contra o ensino tradicional, “por focar muito na parte teórica e deixar de ensinar habilidade(s) e conhecimento, o que é essencial para o nosso dia a dia”.

Segundo a organização, muitas pessoas já foram atingidas pelo conteúdo da empresa, que conta também com um blog e uma página no Youtube - atualmente com 190 mil inscrições. Seu material promocional lista pelo menos dezoito companhias *top-of-mind* de atuação nacional que a contrataram para capacitações ou *coaching* individual, explicitando a validação de grandes organizações ao projeto da Visionary.

Em sua plataforma digital Visionary Focus, hoje estão disponíveis mais de 80 cursos, que buscam contemplar “tudo o que eles (os assinantes) precisam para se destacar e crescer profissionalmente”. Além dos cursos livres, a empresa passou a ofertar pós-graduação lato sensu reconhecida pelo Ministério da Educação. A plataforma conta ainda com uma seção “Espaço Kids”, com cursos para que “mãe, pai ou responsável” dirijam a criação dos filhos segundo os mesmos preceitos das demais capacitações, evidenciando que sequer as crianças escapam à dinâmica aqui descrita.

O acesso ao material analisado foi viabilizado por meio de uma semana de “teste gratuito” da plataforma, cuja anuidade é de valor expressivo. Durante essa primeira semana foi realizada uma “leitura flutuante” por diversos cursos, até que se fixou o interesse no curso

“Produtividade”. Após a visualização inicial dos vídeos institucionais e do blog da empresa, da leitura do material de vendas e de uma busca dentro da plataforma paga pelos produtos mais enriquecedores ao debate, escolhemos esse curso como foco do estudo devido à abrangência do tema que explorava e ao sucesso de mercado que apresentou.

O *corpus* submetido à análise foi definido como uma coleção dos dezenove vídeos que o compunham. Esses vídeos se aproximam de dez horas de material e encerram uma capacitação completa no tema, disponibilizada pela Visionary. Foram selecionados como uma ilustração do discurso da empresa.

A técnica de análise de dados utilizada foi a análise de conteúdo, conforme Bardin (2011). Essa metodologia foi escolhida por ser, dentre outros motivos e de acordo com a autora, adequada à interpretação de comunicações. Com essa abordagem, foi possível explorar como o discurso de autogestão da empresa serve aos aparatos de poder hegemônicos chamados de Psicopolítica. A análise empreendida possibilitou transformar impressões abstratas em dados qualitativos, permitindo que se demonstrem os interdiscursos do corpus. Isso foi feito a partir da criação de dez categorias, respeitados os critérios de exaustividade e exclusividade (Bardin, 2011). Estas emergiram dos dados e estão detalhadas na seção a seguir.

4 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Nesse trecho do trabalho, detalham-se as categorias temáticas construídas na análise. O quadro a seguir descreve, em termos numéricos, a presença textual de cada tema em um *corpus* de dezenove aulas. Devido à ampla recorrência de temas dentro de cada unidade de contexto – ou seja, aulas sobre metrificação citariam recorrentemente a mesma categoria - optou-se por não por contar cada unidade de registro e, sim enumerar a presença de cada categoria em cada unidade de contexto, evitando que o pesquisador tenha que recorrer à arbitrariedade em estabelecer em que momento se inicia ou se encerra uma unidade de registro com a mesma temática, chegando a números menos “inflados”.

Quadro 1 – Contagem das unidades de registro significativas

Categorias	Resultado
Individualização	7
Psicologização	16
Progresso	11
Capitalismo Emocional	15
Poder Positivo	11
Ubiquidade	7
Sanção Positiva	18
Metrificação	13
Imediação e Imediatismo	12
Gamificação	6

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

Nesse curso o público busca prescrições de práticas, hábitos ou etiquetas para o mercado de trabalho, de tal forma que a análise da relação do sujeito com essas práticas permite extrair alguma recorrência informativa a respeito, também, de sua relação com o trabalho e consigo. Na literatura, contudo, a função da prescrição vai além. O cerne do conceito de Positividade é nos informar, reiteradas vezes, como existir no mundo, de forma a perdermos de vista as alternativas do que é bom sentir, pensar e fazer. A ideologia constrói a realidade e (pre) diz o

que é desejável. O caráter prescritivo explícito não é necessário para se falar em técnicas ou modos de vida. Seria possível se trabalhar com essas categorias na ordem da descrição ou apresentação, como a presente pesquisa busca fazer. As características linguísticas dessa linguagem moralizadora e prescritiva são, também, típicas da disseminação da cultura do management (Benevides, 2017).

4.1 Individualização

O discurso da empresa, presente nos vídeos, apregoa que a responsabilidade e a agência de qualquer feito residem no indivíduo. Os fracassos se devem a falhas individuais. Estruturas são desagregadas e soluções comunitárias deixam de fazer sentido: "Apesar de diversos obstáculos e barreiras estruturais, muitas vezes está em nós a solução para a gente continuar seguindo a nossa jornada" (Visionary, 2024, módulo 2, aula 1).

A afirmação de um potencial total do indivíduo implica a negação do potencial do coletivo, do social ou das estruturas e organizações humanas. A noção romântica de gênio de Schlegel e Kant é negada aqui (Hay, 2024), pois não é mais necessário que se nasça talentoso para ser bem-sucedido, notório ou feliz, marcando uma evolução do discurso em relação ao liberalismo clássico. O transcendente e o sublime do gênio agora alcançam-se pelo esforço, e não pela Graça divina.

Acreditar que é a vontade individual que cria a realidade que o sujeito vivencia trata-se, de maneira inequívoca, de um tipo de narcisismo primário, como o do bebê, que, com fome, acredita criar o seio materno. Esse processo é chamado por D. Winnicott de ilusão de onipotência. Essa ilusão, que é constitutiva do desenvolvimento da criança, é superada quando, na idade certa, ela é introduzida a estímulos eróticos o suficiente e objetos também suficientemente estáveis, que a façam perceber que sua existência independe dela, marcando os limites do Eu e do mundo, contornando a pele do indivíduo (Winnicott, 1975). Assim, conclui-se que esse discurso que aqui se analisa infantiliza os usuários da plataforma e alunos do curso.

Contemporaneamente é notório o excesso de estímulos que, em contrapartida, passam a ser líquidos e instáveis. A essa tendência afirmativa Han (2018) dá o nome de (excesso de) Positividade. O sujeito está largado e sozinho em um processo social que não garante nem amparo e nem uma estabilidade de suas leis, e por isso reverte ao narcisismo primário.

Essa heurística é, talvez por princípio ou finalidade, altamente despolitizante. Não é justo ou honesto que tratemos questões amplas e atravessamentos diversos que levam à formação forçada da nossa subjetividade como algo que está sempre ao nosso controle. De forma alguma os problemas ou demandas do que é socialmente necessário estão distribuídos democraticamente. Esse discurso é fortemente identificado, historicamente falando, à virada neoliberal que o mundo presenciou desde o meio do século XX (Foucault, 1987).

Uma vez que estamos falando de uma formação em produtividade para jovens executivos e cargos de baixa gestão, seria de se esperar que falássemos, quando falamos de técnicas de gestão, da relação com o outro, contudo essa relação não se fez presente no texto. O Outro, para o homem psicopolítico, está muito apagado, quase ausente.

“O mundo virtual é pobre em alteridade e em seu caráter de resistência. Nos espaços virtuais o ego pode se movimentar sem precisar lidar com o ‘princípio de realidade’, que seria o princípio do outro e da resistência. Nos espaços imaginários da virtualidade o ego narcísico encontra sobretudo a si mesmo.” (Han, 2018)

A relação consigo mesmo é, por óbvio, a relação que menos exige mediações. Ela não depende de explicações técnicas e nem negociações que o real nos impõe na tratativa com o

Outro. A negação do Outro revela uma pobreza de espírito coletivo, ou seja, um reservatório cultural que atrevesse um grupo de pessoas (Olivier, 2020), ou pobreza no espaço transicional como definido por Winnicott, ou seja, na esfera de construção compartilhada de sentidos.

4.2 Psicologização

Como demonstrado por Prozorov (2021), a governamentalidade atual é fundada no discurso psicológico, ainda no século XIX. O discurso psi, contudo, evoluiu em diversos sentidos, concomitantemente. Três desses caminhos são relevantes para este estudo. Por um lado, o discurso Psi foi apropriado por toda sorte de profissionais a partir dos anos 1980, o que populariza temas e termos da psicologia, sem, contudo, possibilitar ao público que acesse a validade científica das categorias em uso. Por outro, ramos da psicologia realmente fizeram avanços científicos no entendimento e manipulação do comportamento humano ou cerebral, neuronal, psicológico. Por último, a psicologia positiva surge, com bases fundadas antes em princípios metafísicos do que em problemas fundamentais nos modelos explicativos de seu tempo (Cabanas & Illouz, 2022).

A frequência de conteúdos afirmando textualmente essa categoria nos confirma a percepção (por vezes contestada) de Han de que houve, com o tempo, uma mudança de foco do Poder e do Saber. Diferentemente do poder sobre o mundo ou o poder sobre o corpo, a mente é o foco agora (Han, 2018). A psicologização, dentro do contexto da Psicopolítica, circunscreve o controle das emoções, vontades, afetos. O corpo, quando citado no material analisado, é gerido somente para propiciar uma melhor condição mental, e não como o instrumento de trabalho que foi no capitalismo industrial. A citação a seguir possui um caráter contraditório se considerarmos que foi expressa (no contexto deste curso) por um célebre atleta brasileiro, uma pessoa cujo trabalho depende exclusivamente da performance do corpo:

“Eu gosto muito do conceito de Modelo Mental. Eu acredito que método é prata, e Modelo Mental é ouro (...) Modelo mental é a forma como as pessoas pensam e como as pessoas agem.” (Visionary, 2024, módulo 1, aula 3).

Neste trecho, a mesma ideia prevalece: "Mentalize o pior cenário. (...) esteja aberto a mudanças. (...) crie desafios, garanta que suas metas sejam desafiadoras o suficiente. (...) elimine as distrações (...) disciplina é o combustível da produtividade" (Visionary, 2024, módulo 3, aula 3), o mesmo acontecendo em: "Reduza a 'energia de ativação' de hábitos" (Visionary, 2024, módulo 4, aula 2).

A afirmação de um estado psicológico produtivo e saudável, que necessita de uma série de processos para ser alcançado, constitui boa parte do conteúdo do curso. Se agrupados com insistência científica haveria que se reconhecer um novo campo de conhecimento, qual seja, o da Ortotenia ou Ergonomia Psicológica.

“Trabalhe bem as suas palavras (...) meu dia vai ser muito difícil, muito complexo, tanta tarefa, tô perdido, tô cansado.... Como você vai ser produtivo desse jeito?” (Visionary, 2024, módulo 1, aula 4). Similar a princípios de organização de áreas de trabalho fabril (a exemplo: os 5s da Toyota), deve haver processos que, simbolicamente, tornem o nosso psiquismo limpo, organizado e produtivo: "Ao organizarmos o nosso ambiente estamos na verdade organizando também a nossa mente. (...) estamos tornando o nosso processo mental mais limpo e organizado" (Visionary, 2024, módulo 2, aula 1). "O nosso córtex visual fica sobrecarregado com imagens irrelevantes no campo da nossa visão. (...) A bagunça física atrapalha o nosso pensamento" (Visionary, 2024, módulo 3, aula 1). “Deixe tudo à vista, o tempo todo” (Visionary, 2024, módulo 3, aula 1).

Essa relação simbólica do espaço de trabalho com o trabalhador é similar à relação do cozinheiro com a cozinha e do alquimista com o laboratório:

“A cozinha não é simplesmente o lugar onde sobrevivência e prazer são planejados, mas na verdade um local de contemplação de si (...) Isso é precisamente a metáfora do cozinhar indissolivelmente conectado com a produção do *self*.” (Mentínis, 2017) (tradução própria)

A Ergonomia Psicológica passa por um resgate ao estoicismo: "O importante não é a sensação ruim que ele 'tá gerando, e sim como a gente reage a esse problema. (...) O melhor é mudar o foco do que a gente pode controlar (...) "O importante não é o que acontece, mas como você reage. Epicteto" (Visionary, 2024, módulo 2, aula 3). "Eu sempre encarei os problemas não como problemas em si, mas apenas como fatos (...) mas sempre trazendo a máxima que tudo tem solução. (...) Automaticamente o meu pensamento é: OK, qual é a solução que eu posso trazer aqui?" (Visionary, 2024, módulo 2, aula 3). O resgate de tradições clássicas é algo retratado, inclusive, na imprensa (*Estadão*, 2025), e que acontece sob o risco de esvaziar muitas delas, ao mcdonaldizá-las.

4.3 Progresso

A noção de progresso é a adaptação estoica à noção de sucesso, pois essa última não pode ser garantida pelo neoliberalismo, tanto pela pressão material exercida contra nós, quanto pela natureza da positividade, que sempre tem que se reafirmar por meio da reinvenção. Nas palavras de Hannah Arendt (2007), a sociedade moderna, como sociedade do trabalho e do fazer, se sobrepõe a uma sociedade fundada no agir, no decidir e realizar politicamente, e por reduzir o ser humano a um animal laborans, ao fazer pela sua mera sobrevivência. Uma vez que as instituições são descreditadas e se assume uma posição cética em relação a qualquer organização coletiva ou pública, seria de se esperar o esvaziamento de um compartilhamento de noções de sucesso, ou mesmo da realização de alguma felicidade ou sucesso possível no coletivo. O que resta, como negociação, é a noção de “progresso” ou “melhoria” – sempre individual. "Substitua na sua vida a palavra perfeição por progresso" (Visionary, 2024, módulo 1, aula 1).

Se a noção de progresso contém também uma ilusão de onipotência, quando há atingimento de metas não faz mais sentido dar-se por satisfeito. A lógica de acumulação de capital é transposta para qualquer esfera. Trata-se de negar a validade ontológica do ser humano para tornar-se então um projeto em andamento, que não tem valor intrínseco:

Daí a fadiga, o cansaço, o esgotamento: a necessidade constante de se descobrir ou inventar-se; de saber quem você é e o que poderá ser; de agregar signos, valores, gestos e jeitos à sua pessoa; de transformar a própria vida em um conjunto de metas, objetivos, caminhos, possibilidades e múltiplas direções. Em suma, o que está em jogo é a sobreposição da gestão da vida ao próprio viver; a fusão entre o trabalho de viver e o ato viver; a identificação, por fim, entre trabalhar, trabalhar-se e ser. (Benevides, 2017).

A hipótese com que o curso trabalha repetidas vezes é a de que experienciar afetivamente o seu sucesso é fonte necessária e suficiente para se manter motivado, o que corresponde à teoria de motivação PERMA da Psicologia Positiva (Seligman, 2011): "A lógica da confiança é o progresso (...) o que é mais poderoso para a motivação humana é o progresso" (Visionary, 2024, módulo 1, aula 3).

4.4 Capitalismo emocional

Capitalismo emocional é um termo usado para descrever a maneira como emoções e sentimentos são cada vez mais explorados, manipulados e comercializados dentro do sistema capitalista (Han, 2018). As emoções passam a ser matéria prima. Isso significa que podem ser commoditizadas, em nível agregado, mas também exploradas pelo Self para, ao cabo, elevar a produtividade. "Se você não está sentindo um frio na barriga desconfie: talvez você esteja correndo o risco de estar estagnado- Atribuído a Flávio Augusto" (Visionary, 2024, módulo 1, aula 2). "Se permita sentir essa frustração. (...) permita que a frustração dure no máximo 30 segundos." (Visionary, 2024, módulo 2, aula 3). "Como você se sente em relação a esse plano? (...) ele tá contribuindo para a sua felicidade a longo prazo?" (Visionary, 2024, módulo 2, aula 5). Como é possível ver neste trecho, até a noção de planejamento, que evoca elementos cartesianos, do racionalismo, do iluminismo e do liberalismo são reelaborados no neoliberalismo para atender, em primeiro lugar, às demandas emocionais.

4.5 Poder Positivo

A riqueza de exemplos no material - e, especialmente, a ausência de contraexemplos de um poder opressivo, castrador - reforçam as afirmações filosóficas de Han sobre um poder de via majoritariamente positiva. "Será que tem uma fórmula mágica para você ter sucesso, para você desenvolver bons hábitos?" (Visionary, 2024)

A forma de poder preferível no presente é aquela que atua pela sedução, pela negociação, pela exploração voluntária do trabalho livre (Han, 2018). Por isso, sua microfísica é primariamente aquela que atua por meio de elogios lisonjeiros, promessas e ofertas tentadoras. "Eu queria te dizer: parabéns por estar aqui. São poucas as pessoas que investem nos seus sonhos. A maioria desiste" (Visionary, 2024, módulo 3, aula 3).

Não força nada, mas convida. Evolui do "dever" ao "poder": "Experimenta perseverar para ver o que acontece. Experimenta ser (...) uma pessoa que conclui tudo o que você se propõe a fazer; eu tenho certeza que a sua vida vai mudar" (Visionary, 2024, módulo 1, aula 2).

O *corpus* em questão é bastante estável em manter as menções a relações de poder na via da positividade, do investimento e da negociação, em oposição ao poder disciplinar que não se omite de recorrer a punições, demissões, expulsões. Ao invés de penalizar os erros e excessos, busca-se manter a sensação de gratificação para impulsionar a dependência (Mocelim, 2021).

No curso analisado, todas as estratégias objetivavam o sucesso, e nunca a resistência contra uma castração - uma imposição - de um outro que é maior e mais poderoso que eu. Não se mencionou um chefe malicioso, um ambiente punitivo, uma estrutura política sufocante na qual se deve "andar na linha" para sobreviver. Esse conteúdo é um dos principais indícios de que, por mais ousada que seja a definição filosófica de um "Poder Inteligente", ela encontra ressonância na materialidade.

4.6 Ubiquidade

A ubiquidade, ou onipresença, é a definição do transbordo de ideologias para espaços aos quais não pertenciam originalmente. Bem como a teologia da prosperidade transbordou para a vida econômica e social (Weber, 2004), e, à frente, a cultura do management transborda de volta da vida econômica para as esferas privadas, sociais, entre outras (Ituassu & Tonelli, 2014), os princípios psicopolíticos aqui trabalhados não se dão por encerrados na experiência da vida privada, psicológica ou produtiva. O curso, que a princípio versa sobre produtividade, toma a liberdade de dizer que estes princípios são também aplicáveis fora do trabalho: "E eu

vivo desse jeito, não é uma aula que eu estou dando aqui, neste curso, a você aluno. É uma filosofia de vida" (Visionary, 2024, módulo 1, aula 4).

Os contraexemplos da falha e do fracasso são apresentados como consequência de não se levar isso tudo tão a sério, novamente culpabilizando o indivíduo: "Quem faz de qualquer jeito as simples tarefas do dia a dia não vai fazer com excelência as grandes coisas (...) acaba virando um vício" (Visionary, 2024, módulo 1, aula 2).

4.7 Sanção positiva

Foucault (1987) introduz o conceito de sanção normalizadora no contexto de sua análise sobre as técnicas de poder e disciplinamento na sociedade moderna. Ele descreve como as instituições exemplo da biopolítica utilizam normas para regular o comportamento dos indivíduos, aplicando sanções que visam não apenas punir, mas também normalizar e moldar o comportamento para que ele se encaixe nos padrões estabelecidos. O uso acadêmico corrente do termo sanção disfarça o caráter ambivalente dessa palavra, e parece tratar somente sobre o lado punitivo do poder. A sanção normalizadora, ainda em Vigiar e Punir (1987), compreende também recompensas pelo comportamento exemplar. Medalhas, prêmios e títulos, podem ser entendidos como sanções normalizadoras. "Qualquer pessoa é paga pelo que ela produz. Quem produz mais gera mais valor. Quem gera mais valor cresce profissionalmente" (Visionary, 2024, módulo 1, aula 3). "Esforço = conquista" (Visionary, 2024, módulo 1, aula 4).

Durante toda a leitura do material em análise buscou-se atentar ao que seria a sanção normalizadora contemporânea, e com isso foi possível atestar uma presença muito forte das sanções pela via da recompensa, bem como nenhuma menção ao conceito de punição, perda ou derrota. A recompensa é tratada como causa suficiente para a motivação, ignorando qualquer teoria da motivação diferente da Psicologia Positiva (Seligman, 2011): "Se eu puder dar uma dica final: tente visualizar seu resultado sendo alcançado, aquele propósito, aquele objetivo que você colocou lá no início (...) tenha isso com um gás adicional a todo o plano que você colocou no papel" (Visionary, 2024, módulo 2, aula 3).

O esgotamento vindo desse discurso parece minimizado pela indulgência, que aparece mais de uma vez como etapa necessária para se suportar essa vida orientada por conquistas materiais: "Se dê um descanso e pense 'eu mereço'" (Visionary, 2024, módulo 3, aula 2). É como se o próprio conteúdo admitisse que a vida daí resultante é uma vida que, se levada sem respiros, não se pode suportar.

4.8 Metrificação

Talvez o tema mais diretamente ligado à gestão seja o axioma da metrificação. Citada textualmente na capacitação, a frase que sintetiza o trabalho de Peter Drucker esclarece a finalidade em tornar-se voluntariamente uma cobaia de seus experimentos: "Lembrando que o que não se mede não se gerencia". (Visionary, 2024, módulo 2, aula 5)

Se somos projetos em andamento, passíveis de gestão a nível corporal e psíquico, devemos então ser metrificados. A Visionary nos informa que devemos metrificar nossas agendas, nossos planejamentos, nossos sonhos, nossos níveis de esforço subjetivo, nossa alimentação, nosso sono, e o grau de retorno das tarefas que realizamos, como se a vida coubesse em números: "É super importante que (seu objetivo) seja algo quantificado. (...) eu não posso simplesmente colocar 'eu quero guardar dinheiro'. Eu tenho que colocar 'Eu vou guardar x reais até a data tal'". (Visionary, 2024, módulo 2, aula 2).

O principal objeto a ser metrificado, ao que parece, é o tempo. As metas devem ser dadas no tempo, e as atividades distribuídas racionalmente para se obter máxima eficiência: "O tempo de planejar também deve ser planejado. (...) só assim você vai conquistar a tranquilidade de

fazer a coisa certa na hora certa. (...) Para executar seu planejamento você vai precisar fazer revisões semanais e revisões diárias" (Visionary, 2024, módulo 2, aula 4).

Seguindo a lógica do gerencialismo ou do empreendedorismo de si, a criação de metas é uma necessidade incontestada e desproblematizada para a vida, segundo todos os professores da capacitação.

4.9 Imediação e imediatismo

Imediatismo é um imperativo fundamental para a Positividade. Quando há um excesso de informação, ou seja, todos estão se afirmando, enviando informações o tempo todo, é essencial otimizar tecnicamente este processo (Han 2018). Nesse curso, isso se traduz em agregar rápido o que é necessário e descartar rápido o desnecessário para melhorar a produtividade: "Muitas vezes isso acontece (sobrecarga de trabalho) por falta de visibilidade (...). Muitas vezes o seu chefe ou seu par, que solicita coisas para você, não sabe a quantidade de coisas que você 'tá fazendo" (Visionary, 2024, módulo 3, aula 2) "As tarefas que eu delego ocupam pouquíssimo espaço na minha mente e pouquíssima energia. Eu delego, e rápido!" (Visionary, 2024, módulo 1, aula 3).

Até os desejos podem se perder de vista, convergindo com mais uma avaliação de Han (2018), que denuncia o estado de avanço das tecnologias em direção ao cognitivo e pré-cognitivo. Muita positividade e totalidade de informação podem, então, inclusive reformular nossa estrutura de pensamento e nossos objetos desejantes. "Quando essa recompensa está muito distante a gente não se conecta com ela. A gente precisa encontrar recompensas que são imediatas" (Visionary, 2024, módulo 4, aula 2).

Imediação e imediatismo aqui são tratados como dois lados da mesma moeda. O imediatismo na produção, compartilhamento e visualização de informação se refere à forma, ao processo pelo qual caminhamos à imediação. A princípio, parece-nos desejável que informações relevantes sejam compartilhadas instantaneamente ao redor do globo, o que nos manteria informados e seguros. Contudo, a imediação, como um contato direto das nossas mentes com a realidade, é um sonho irreal. A saída dessa opacidade é o que Han chama de Morte da Teoria e Segundo Iluminismo, ou seja, a ideia de que podemos entender o mundo sem mediações semióticas se formos radicalmente expostos a dados crus (Han, 2018). A noção de espaço transicional de Winnicott (1975) também indica a necessidade constitutiva do ser humano de criar e compartilhar conceitos, noções, e, em última análise, compartilhar a realidade, reservando espaço para a (re)criação. É preciso que criemos pausas para pensar sobre nossa condição, e estabeleçamos mediações e barreiras, negações, para separar o que é humano do que é natural e do que é cultural, sem que se acate a tudo imediatamente: "Gaste o menor tempo possível pensando nos problemas (...) Parta para a ação" (Visionary, 2024, módulo 2, aula 3).

4.10 Gamificação

A heurística da gamificação explora a relação esforço e recompensa de modo a tornar nosso trabalho divertido e flexível (Han, 2018). Características importantes que os jogos possuem e a gamificação quer emular são a disponibilidade imediata de informação, a iconicidade no campo dos signos, a atratividade e as fartas recompensas psíquicas que o ato do jogar geram. "Você coloca um e volta dois, você coloca um e volta três. E aí você fala: poxa, eu quero colocar um nível de esforço e voltar mais do que eu coloquei" (Visionary, 2024, módulo 1, aula 2).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar como a psicopolítica se manifesta em conteúdos de uma Edtech brasileira. Isso foi feito por meio de uma pesquisa qualitativa em que se analisou o conteúdo de dados secundários, quais sejam, materiais de um curso que a edtech em questão oferece. Por meio disso, ficou clara a presença reiterada, no material da Visionary, de diversas heurísticas identificadas pelos pesquisadores que trabalham com o conceito de psicopolítica, mesmo as definições mais ousadas.

Conforme a análise realizada, encontraram-se prescrições já bem trabalhadas na literatura. Aspectos como “Individualização”, “Progresso”, “Capitalismo Emocional”, “Ubiquidade” e “Gamificação” não apresentaram, propriamente, novidades, nem mesmo especificidades relevantes de elaboração.

Quanto a “Poder Positivo”, “Sanção Positiva” e “Metrificação”, estes aparecem como destaques para que se reflita sobre nossas teorias organizacionais em um mundo em que a negatividade constitutiva se tornou tabu para uma parcela da população e do mercado. Para administradores, cabe se perguntar se a gestão pode ser feita por meio, somente, de incentivos, como se parece apregoar.

A “Psicologização” foi o traço que trouxe mais elementos novos para o debate organizacional. Ainda que já estivesse evidente para uma grande parcela da população que o discurso de caráter psicológico e emocional está sendo amplamente explorado na mídia Pop Management, com o crescimento de uma nova geração de *coaches* dominando as mídias sociais, a constatação disso em uma escola com a penetração de mercado da Visionary revela que o discurso “psi” virou agora problema de gestão e material de ensino. Se nesse discurso está o valor do profissional e do gestor do presente, se diversas empresas relevantes em nível global estão contratando formações com essas escolas e *coaches*, e se mesmo o Ministério da Educação licenciou a Visionary para ministrar uma pós-graduação *latu sensu*, há que se elaborar sobre isso na academia e na administração como profissão.

Cabe dedicar atenção a três categorias correlacionadas que não são bem exploradas nem no debate acadêmico e nem em meio ao público, mas que permitiram aos autores da pesquisa notar fortes indícios de confirmação da filosofia de Han desde A Topologia da Violência (2011): o trio composto por Capitalismo Emocional, Psicologização e Sanção Positiva pode compreender o que é identificado mais amplamente como “positividade tóxica”. De todo modo, não parece que a positividade é suficiente para subjugar a autonomia e assumir controle mental de pessoas por diversas técnicas de manipulação afetiva, mas é desse avanço na direção dos afetos que se produzem as novas formas de existência e de sofrimento mental da contemporaneidade.

Em princípio, esperava-se encontrar, no material, uma maior exploração do simbolismo. Muito da literatura acadêmica sobre Pop Management denuncia a projeção de ideais do que é ser um excelente executivo. Estabelecer muitas regras para justificar por que um gestor se encontra na posição em que se encontra está, na verdade, recriando a relação de poder por meio do simbólico e da exclusão dos que não são os bem-sucedidos. No capitalismo emocional isso ocorre de forma bastante distinta: a condição mental é requisito para ser eficaz e, ao mesmo tempo, uma melhor condição mental é o fim e a recompensa disso tudo. Ao invés de se acumularem símbolos que garantem a reprodução de seu poder, como o capital social ou intelectual, acumula-se clareza mental, habilidades cognitivas e felicidade, sempre em nível individual, e então essas qualidades te colocam à frente na competição neoliberal.

Por definição, os signos são dependentes de acordos sociais de compartilhamento de sentido. Já o capitalismo emocional é menos mediado. São as formas, as cores e os tons, em suma, a experiência estética dando as cartas, e por isso liquefaz-se ainda mais todo modo de organização, uma vez que os afetos nos mobilizam por menos tempo do que os signos compartilhados. Assim, fala-se de princípios e recompensas mais afetivos e menos simbólicos,

mais individuais e menos coletivos, além de mais efêmeros. Para isso utilizam-se técnicas do campo da arte para direcionar os sentidos e facilitar a produção do afeto. Essa estética tem seus pilares no minimalismo, na simplificação da mensagem e na eliminação de nuances – o que se notou no conteúdo do curso, mas cuja análise foge ao escopo do presente trabalho.

A pesquisa encontrou limitações para trabalhar com toda a dinâmica psicopolítica, como seria de se esperar no estudo de caso. As categorias de “Individualização”, “Psicologização”, “Poder Positivo”, “Capitalismo Emocional” e “Metrificação” trazem uma série de implicações na “macroesfera” do poder, da dinâmica política, social e mercadológica, que este trabalho não pôde explorar. Contudo, se o desenvolvimento “para dentro” do sujeito já aparece em nível tão elevado, com alguns autores e elaborações teóricas próprias, espera-se encontrar também muito conteúdo na direção “para fora” do sujeito, como agenda de pesquisa futura.

Principalmente a instrumentalização dos afetos é um tópico ainda subexplorado, academicamente, no debate organizacional. No mínimo, é necessário que se mantenha a atenção no desenvolvimento desse campo para nos informarmos se essa tendência vai continuar, ou se a onda até então é apenas mais uma moda e um produto cultural sem futuro. Em outro cenário essas tendências de poder se concretizam, e então precisamos de estudos sobre alternativas - existentes ou potenciais - para a política, as organizações e os simbolismos. Em última instância, alternativas para as pessoas.

REFERÊNCIAS

ANACHE, Marcelo De Carvalho Azevedo; LAURENCEL, Luiz Da Costa. **A Economia Psicopolítica E a Economia Da Felicidade: Repensando Consumo, Renda E Meio Ambiente.** Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis, Florianópolis, v. 17, p. 01-19, jan./dez. 2020

ARENDT, Hannah. **A condição humana.** Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2007. 10ª ed.

BUTLER, Daniel. **A Child is Being Caged: Resignation Syndrome and the Psychopolitics of Petrification.** Maryland: Journal of the American Psychoanalytic Association, v. 68, n. 3, p. 333–357, jun. 2020.

CABANAS, Edgar; ILLOUZ, Eva. **Happycracia: fabricando cidadãos felizes.** São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CRESWELL, John W.; CRESWELL, J. David. **Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches.** 6. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2022.

DUARTE, Maria Paula Ferraz Calfat; MEDEIROS Cintia Rodrigues de Oliveira. **Pop-Management: 15 anos depois – a incorporação do pop-management no trabalho de executivos de grandes empresas.** Cad. EBAPE.BR, v. 17, nº 1, Rio de Janeiro, 2019.

ESTADÃO. **Estoicismo cresce no Brasil com livros que simplificam filosofia e oferecem consolo em mundo caótico.** São Paulo: Estadão, 10 jul. 2025. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/literatura/estoicismo-cresce-no-brasil-com-livros-que-simplificam-filosofia-e-oferecem-consolo-em-mundo-caotico/>. Acesso em: 14 jul. 2025.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões.** Petrópolis: Editora Vozes, 1987

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. 3ª ed

FOUCAULT, Michael. **Tecnologias de si**. Verve: revista semestral autogestionária do Nu-Sol., n. 6, 2004.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018. 1ª ed.

HAN, Byung-Chul. **A Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015. 1ª ed.

HAY, Katia D. **August Wilhelm von Schlegel**. In: ZALTA, Edward N. (ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* [online]. Stanford: Metaphysics Research Lab, Stanford University, 14 de novembro de 2024. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/schlegel-aw/>. Acesso em: 15 jul. 2025.

HURRELL, S. **Rethinking the soft skills deficit blame game: Employers, skills withdrawal and the reporting of soft skills gaps**. *Human Relations*, v. 69, n. 3, p. 605–628, set. 2015.

ITUASSU, Cristiana Trindade; TONELLI, Maria José. **Sucesso, mídia de negócios e a cultura do management no Brasil**. 2014. Tese (Doutorado em Administração) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas, [S. l.], 2013.

MATTOS, D.; ITUASSU, Cristiana Trindade. **A Nova Velha Roupa Colorida: a Cultura do Management e as Mídias Digitais**. In: ENCONTRO DA ANPAD, 47., 2023, São Paulo. Anais eletrônicos [...]. Maringá: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 2023. Disponível em: <http://www.anpad.org.br>

MELHADO, F.; RABOT, J.-M. **Análise de Sentimentos: Da Psicométrica à Psicopolítica**. *Comunicação e Sociedade, [S. l.]*, v. 39, p. 101–118, 2021

MOCELLIM, Alan Delazeri. **Psicopolítica e mal-estar da contemporaneidade**. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, v. 21, n. 1, p. 94–107, 2021.

NALLI, Marcos Alexandre Gomes; MANSANO, Sonia Regina Vargas. **Da violência psicopolítica na contemporaneidade: uma análise das dimensões afetivas**. *Psicologia Em Estudo* 24 (2019): *Psicologia Em Estudo*, 2019-07-08, Vol.24. Web.

OLIVIER, Bert. **The Psychopolitics of (and Psychotherapy Required By) Neoliberalism**. *Psychotherapy and Politics International* v. 18, n. 1, fev. 2020.

PROZOROV, S. **Foucault and the birth of psychopolitics: Towards a genealogy of crisis governance**. *Security Dialogue*, v. 52, n. 5, dez. 2020.

SELIGMAN, Martin E. P. **Flourish: A Visionary New Understanding of Happiness and Well-being**. New York: Free Press, 2011.

STIEGLER, Bernard. **Taking Care of Youth and the Generations**. Stanford: Stanford University Press, 2010.

WEBER, MAX. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WHITE, R. E., COOPER, K. **Qualitative research in the postmodern era: Critical approaches and selected methodologies**. Berlin: Springer Nature, 2022

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. 7ª ed